

Crisma ou Confirmação: Sacramento da Maturidade Cristã

Pe. Valter Maurício Goedert*

1. A CRISMA NO DEBATE ATUAL

Há quinze anos, com a colaboração de alunos do ITESC, estamos realizando, periodicamente, pesquisas nas diferentes dioceses do Regional Sul IV, sobre a problemática dos sacramentos do batismo e confirmação. No ano passado, levamos a cabo mais uma enquete nas dioceses de Florianópolis, Joinville e Tubarão. Responderam ao questionário mais de 800 pessoas, de várias idades, nas cidades e nas áreas rurais.

Analisando o conteúdo das respostas e comparando-o com o resultado de outras pesquisas, no passado, é possível perceber um progresso na compreensão teológica destes sacramentos e na prática pastoral nas paróquias. Vários problemas estruturais, no entanto, continuam desafiando a Igreja, em seu esforço de inculturação na sociedade secularizada de hoje. Esta inserção pode ser analisada em vários níveis.

1.1 Nível existencial

A teologia propõe a inserção do laicato na sociedade moderna como elemento transformador (sal, fermento, luz), dando novo sentido ao sacramento da confirmação. Ou melhor, o sacramento da crisma oferece o fundamento teológico-sacramental para o apostolado dos leigos. Por isso, a crisma sempre foi considerada o sacramento do apostolado em particular, da Ação Católica. Há uma identidade (e também uma confusão) entre testemunho e apostolado. Ao mesmo tempo, surgem os movimentos pentecostais e carismáticos que se autodefinem como "renovação no Espírito" e se caracterizam pelo "batismo no Espírito", retomando o tema central da confirmação.

1.2 Nível teológico

As discussões sobre a relação entre batismo e confirmação, e também sobre seus efeitos específicos, se intensificam a partir do teólogo anglicano G. Dix que, em 1946, estabeleceu a distinção entre ambos os

sacramentos, atribuindo ao batismo o perdão dos pecados (efeito negativo) e, à confirmação, o dom do Espírito Santo (efeito positivo).

A reação foi imediata. As confissões protestantes, salvo alguns casos, não aceitaram a distinção, dado que não admitiam qualquer separação: o batismo abrange tudo. A confirmação não tem nenhum caráter sacramental.

Da parte católica sempre se afirmou o dom do Espírito como uma das características do batismo; à confirmação atribuía-se nova presença do Espírito Santo. A teologia católica relacionou a efusão do Espírito em Jesus em dois momentos, a dupla unção: uma por ocasião do nascimento, que constituiu, por assim dizer, Jesus como Filho de Deus; outra, por ocasião do seu batismo no Jordão, que o manifestou como Messias, o Servo de Javé, o Profeta. Assim, o batizado recebe o Espírito Santo, no batismo, para se tornar semelhante a Cristo Filho de Deus e, na crisma, para se assemelhar a Cristo Profeta e Messias.

A finalidade específica da confirmação se define, como vimos, pela missão e, particularmente, pelo testemunho. Outros teólogos acentuam a força para a luta. A teologia oriental acentua o efeito da santificação pessoal (aperfeiçoamento das faculdades espirituais do batizado). Outros ainda, enfatizam a dimensão de crescimento, de maturidade. O fato da presença do bispo na confirmação sugere também o efeito sacramental da comunhão eclesial, da plena incorporação do batizado na Igreja.

Tais aspectos, ainda que válidos, não esgotam o conteúdo sacramental da crisma. Ademais, todos eles estão relacionados com a prática da crisma celebrada na infância, quando separada do batismo. Propõe-se visão por demais personalista, sem se frisar, adequadamente, as dimensões eclesial e histórico-salvífica.

O Concílio Vaticano II, ainda que não apresentando teologia propriamente dita sobre a confirmação, sublinha, entretanto, a unidade da iniciação cristã (*Sacrosanctum Concilium* 71) e afirma que a confirmação, juntamente com o batismo representa o fundamento da missão sacerdotal, profética e régia do

1.3 Nível Litúrgico

O grande elemento positivo foi a redescoberta do conceito de iniciação cristã. Assim foi na Igreja primitiva. Em relação à confirmação, a pesquisa histórica não levantou dados importantes, uma vez que eles não são sempre tratados. A variedade dos ritos pós-batismais nas diversas Igrejas e o seu desenvolvimento através dos séculos tornam difícil uma teologia sistemática e consistente. Não é fácil distinguir onde termina o rito do batismo e onde começa o da confirmação.

1.4 Nível ecumênico

As diversas Igrejas concordam em que o batismo implica um dom pentecostal. A iniciação cristã inclui, portanto, dois momentos, ou aspectos fundamentais, do mistério pascal/e pentecostal de Cristo. As dificuldades encontram-se no nível prático, celebrativo, com o qual se traduz o sinal sacramental do dom pentecostal. Os protestantes reduzem tudo ao sinal do batismo de água, que é igualmente o batismo no Espírito (a confirmação não vai além de ato de compromisso pessoal complementar ao batismo, mas sem valor sacramental). Os católicos normalmente celebram o dom do Espírito Santo separadamente e assim comprometem a unidade da iniciação. Aos protestantes pergunta-se por que os seus fiéis são admitidos à eucaristia somente após a confirmação (parece que a confirmação é importante!). Aos católicos pede-se mais unidade entre os referidos sacramentos.

1.5 Nível pastoral

Em nível pastoral ocorrem alguns questionamentos, tais como: idade para a celebração, preparação mais orgânica, novos conteúdos de catequese, envolvimento dos pais, dos padrinhos e da comunidade na preparação e na celebração da crisma, novo relacionamento do bispo com os crismandos, celebrações mais criativas e participativas, continuidade dos encontros de aprofundamento e de vivência, após a celebração da crisma. De certo modo, serão estes os assuntos que a seguir desenvolveremos.

2 CONFIRMAÇÃO: UM SACRAMENTO EM CRISE

Não é raro ouvir-se dizer que a crisma é sacramento em crise. De fato, existem inúmeros desafios. Várias respostas foram dadas e muitos problemas ainda não foram resolvidos. É até compreensível este clima de insegurança, não só em relação à confirmação, mas também aos demais sacramentos, dado que eles celebram a vida e esta se encontra sujeita às mais diferentes

situações. Cada época deverá descobrir as soluções mais adequadas, diferentes daquelas aplicadas em outros momentos da caminhada da Igreja. A partir de novas interpretações da Bíblia, a teologia aprofunda e enfatiza novos aspectos da teologia sacramental.

Os questionamentos em torno do sacramento da confirmação podem ser agrupados em diversas óticas.

Em relação ao sacramento, enquanto tal, fala-se da crisma como sacramento do engajamento (soldados de Cristo), compromisso para toda a vida. Quem, porém, pode garantir o futuro? Há quem sugira o sacramento como fator de recuperação para jovens afastados da Igreja. A celebração não entende resolver problemas, ainda que coincida com a entrada na idade adulta e possa até trazer respostas a muitas inquietações, comuns na época da adolescência.

Pela confirmação, o Espírito Santo fala à comunidade através dos crismandos. A comunidade deve acolher o novo membro como alguém que tem algo a dizer, alguém através do qual o Espírito Santo se manifesta. É preciso crer que o Espírito

*"Pela confirmação,
o Espírito Santo fala
à comunidade
através dos
crismandos"*

habita nas pessoas e por conseguinte levá-las a sério.

Os jovens são menos acostumados à rotina, por isso apontam novos caminhos para a Igreja, embora, freqüentemente, pelo seu modo de ser, de pensar e de agir, polemizem com a estrutura eclesial existente e a pastoral tradicional. Ainda bem que existe "sangue novo" impulsionando a Igreja em busca de novos caminhos, de novas perspectivas pastorais e de novo posicionamento diante da realidade complexa do mundo de hoje. A catequese da crisma não pode ser, portanto, instrumento de controle das idéias e dos anseios dos jovens.

A celebração da confirmação deve ser valorizada qual momento privilegiado de renovação espiritual das pessoas e da comunidade. Para recepção válida, a crisma só exige o que os demais sacramentos pedem, isto é, receber com reta intenção e suficiente preparação o dom de Deus. A celebração deveria levar toda a comunidade a estabelecer novo relacionamento entre seus membros, e provocar questionamento sobre a maneira de se viver em sociedade.

O novo rito da confirmação destina-se aos que foram batizados quando crianças; para os batizados em idade adulta, observa-se o processo de iniciação cristã dos adultos. Há, pois, duas modalidades de celebração da crisma: uma, separada, dentro e fora da missa, e outra, inserida no processo da iniciação em seu conjunto, ligada ao batismo e à eucaristia.

A celebração da crisma perdeu, em geral, o caráter de improvisação; corre o risco, no entanto, de excessiva solenidade exterior, supervalorizando os ritos em si mesmos, em detrimento da realidade, enquanto tal, e do testemunho de vida a ser dado. A celebração não deve ser menosprezada nem mal preparada, sem criatividade e sem colorido. O que importa, contudo, é despertar a consciência dos crismandos para o compromisso cristão agora assumido com plena liberdade e responsabilidade.

3 A IDADE DA CONFIRMAÇÃO

As discussões sobre a idade da confirmação continuam a preocupar os pastoralistas. Existem diferentes tendências a esse respeito. Alguns, seguindo antiga tradição, continuam propondo a crisma para as crianças, também antes do uso da razão. A maior parte dos estudiosos, contudo, afirma que o momento mais indicado para a celebração é a adolescência, após a primeira comunhão. Outros, ainda, preferem celebração conjunta da confirmação e da eucaristia, também na adolescência, preservando-se, assim, a seqüência teológica destes sacramentos.

Toda essa "fermentação" teológico-pastoral é fomentada pelo desejo de pôr em evidência alguns aspectos importantes da vida humana e da realidade do mundo moderno.

3.1 A nova perspectiva antropológica

Parece óbvio que a crisma deva ser celebrada naquela idade em que o cristão esteja mais capacitado para responder à interpelação de Deus, em Cristo, dado que não é sacramento "necessário" para a salvação e dado que a adolescência é período difícil, necessitando de graça especial.

Tal proposição, no entanto, atraente à primeira vista, reflete ainda uma teologia pré-conciliar, onde a economia sacramental estava por demais vinculada com a salvação eterna. Era, então, normal a divisão entre sacramentos necessários para a salvação e outros não absolutamente necessários, secundários, como se Cristo houvesse elaborado uma escala de prioridades nos sacramentos. Esquecia-se a dimensão histórico-salvífica, que une fundamentalmente os sacramentos não à psicologia humana, e sim ao mistério pascal de Jesus Cristo. O que se verificou com Jesus, Filho de Deus feito homem, deve realizar-se, ao seu nível, com o cristão chamado a se tornar filho de Deus, em Cristo.

Os sacramentos foram instituídos por Cristo não porque tenham sido por ele singular e pormenorizadamente determinados, mas porque atualizam mistérios de sua vida e exprimem sua obra redentora; tomando-se sinais sacramentais de nossa redenção. Os sacramentos da Iniciação cristã, por sua vez, são etapas da plenitude do dom pascal de Jesus Cristo. Num processo de pleni-

ficação, não se valoriza tanto o aspecto escatológico, e sim a importância de cada uma das etapas, como momentos sacramentais celebrativos da Iniciação.

Falta realçar a dimensão comunitária da crisma. Os sacramentos incorporam as pessoas em Cristo. Ainda que, eventualmente, possam colaborar na solução de problemas pessoais, os sacramentos são, acima de tudo, celebrados para atualizar a obra da salvação. Conseqüentemente, nos introduzem na comunidade eclesial para que, nela vivendo, individual e comunitariamente, o evangelho, possamos amadurecer para a plena vida em Deus.

3.2 A tradição da Igreja

Não podemos absolutizá-la, também porque não foi uniforme sua prática, no decorrer dos séculos. O problema maior não consiste em celebrar a confirmação mais cedo ou mais tarde, mas em celebrá-la bem, no momento mais oportuno. As motivações de caráter antropológico que sugerem a celebração na idade adulta, embora não sejam decisivas, têm, contudo, alguma razão. Ainda que se transfira a crisma para mais tarde, é possível manter a seqüência normal dos sacramentos da iniciação, fato importante, tanto teológica quanto liturgicamente.

3.3 Dimensão comunitária

A confirmação expressa caráter essencialmente comunitário, eclesial, como participação na obra messiânica de Cristo. O batismo assume mais caráter pessoal, interior, de incorporação do homem a Cristo. Por isso, de acordo com muitos pastoralistas, a crisma deveria ser conferida mais tarde. Tal perspectiva, embora verdadeira, não justifica a quebra da continuidade desses sacramentos. A dimensão messiânica tem origem justamente na incorporação a Cristo pelo batismo e constitui efeito próprio desse sacramento.

Há o risco de se pretender transformar a confirmação em mero rito de passagem, utilizado para preencher lacunas pastorais. As dificuldades em torno da crisma são mais profundas, e a solução não consiste apenas em adiar a celebração ou em exigir um curso de preparação mais demorado. É necessária a educação constante da fé, a qual tem início na família, passa pela vivência comunitária e eclesial e inclui a catequese progressiva, contínua e global, contando, ao mesmo tempo, com o testemunho de vida dos cristãos.

Enquanto na Igreja católica a idade da confirmação é bastante variável, na Igreja oriental, dada a relação entre batismo, confirmação e eucaristia, os três sacramentos são conferidos numa única celebração mesmo para recém-nascidos. Esta mesma unidade celebrativa está prevista no ritual para o batismo de adultos (cf. *Rito de Iniciação Cristã dos Adultos, RICA*, nn. 34-36).

Comentando o problema da crisma de adultos, Luca Brandolini faz três observações:

- a) É importante que se faça acolhida carinhosa, ainda que os motivos apresentados para a recepção da crisma não sejam os mais teológicos e verdadeiros, particularmente por parte dos que se encontram em situações delicadas em relação à fé e à vida cristã. Pode-se perder excelente ocasião de evangelização e de aprofundamento da fé. Que não pareça simples questão de burocracia. Não se perca a oportunidade de promover diálogo frutuoso e ação catequética.
- b) Há também o perigo de transformar o crismando em mais um na lista dos que devem percorrer o caminho da iniciação cristã. De acordo com as necessidades, a paróquia pode ter itinerário preestabelecido (conteúdo e datas) para os candidatos. Se alguém aparecer, no entanto, fora desse esquema, a solução mais cômoda é mandá-lo esperar a próxima turma; naturalmente, não é a mais indicada. O esquema pastoral, ainda que necessário, não pode nivelar as pessoas.
- c) A iniciação cristã não pode, igualmente, resumir-se em catequese; deverá ser intercalada com experiências autênticas de oração e opções de vida, em nível individual e comunitário. Toda a comunidade deve sentir-se envolvida nesse processo de evangelização. Sugerem-se, até, centros interparoquiais ou diocesanos que assumam essa tarefa¹.

A Igreja é comunhão no Espírito, comunhão daquelas pessoas chamados a viver a unidade e a participar da missão que o Senhor lhes confiou. A Igreja

que celebra a confirmação é Igreja que reconhece que o Espírito Santo é concedido a cada um de seus membros e que cada um deles é chamado a colaborar para o crescimento do Corpo de Cristo. A idade em que o cristão é capaz de assumir mais conscientemente esta responsabilidade constitui, também, o momento mais indicado

"A Igreja que celebra a confirmação é Igreja que reconhece que o Espírito Santo é concedido a cada um de seus membros"

do para a celebração da crisma.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, no texto da legislação complementar ao Código de Direito Canônico, propõe, como norma geral, que a crisma não seja conferida antes dos doze anos de idade, como vimos. Contudo, mais do que o número dos anos, devemos preocupar-nos com o grau de maturidade na fé e a inserção do crismando na comunidade.

3.4. Inserção na comunidade

Ao comentar o problema da idade para a recepção da crisma, é preciso analisar, ainda, a relação entre confirmação e psicologia. Se a crisma é o sacramento da maturidade cristã, da responsabilidade apostólica, da participação responsável na comunidade eclesial, é necessário que seja conferida na idade que a psicologia geral, e também a religiosa, indica como a mais apropriada.

Vários pastoralistas, analisando a questão do ponto de vista do amadurecimento espiritual, concluem que esse não depende da maturidade biológica, como também não se prende necessariamente ao desenvolvimento psicológico. Por conseguinte, concluem, a crisma pode ser conferida na infância, "complementando" o batismo.

Muito mais do que interpretar o sentido exato da expressão "idade da razão", é preciso definir a relação entre o desenvolvimento humano e o desenvolvimento sobrenatural do cristão (alimentado pela vida da graça e pelas virtudes). É o que se pode chamar de "maturidade ontológica". Evidentemente, esse conceito de maturidade não esgota todo o conteúdo da maturidade cristã. A criança batizada e crismada tem necessidade de percorrer as fases da educação para tornar explícita a fé implícita.

Continua, pois, verdade que a graça supõe a natureza. A passagem do nascimento na fé para a profissão de fé, de um organismo de fé para uma mentalidade de fé, de maturidade sobrenatural, ontológica, para uma maturidade cristã, operante, é exigida não só pela eficácia sacramental da crisma, mas também pelo desenvolvimento da personalidade.

Nesse sentido, é preciso compreender o processo de socialização na evolução da idade. A socialização verifica-se mediante participação progressiva na cultura (entendida no sentido amplo) da sociedade. O desenvolvimento social representa o aspecto evolutivo desse processo. Para se precisar a idade da maturidade é preciso determinar as características desse desenvolvimento.

Dos seis aos onze anos, a criança começa a se abrir para o ambiente social, saindo da própria família e iniciando o relacionamento com as demais pessoas. Começa a se formar a primeira consciência de grupo ligada às atividades. Até o sentimento de amizade se torna fator de socialização. Há maior coerência no modo de pensar e de agir. O relacionamento com os adultos é de suma importância, particularmente com os pais e com os professores, a quem a criança procura imitar e com quem busca se identificar.

Também durante a adolescência o desenvolvimento social segue as etapas de socialização progressiva, através do contato com diferentes grupos: a família, a escola e outros adolescentes. Não se deve menosprezar a pressão que os modelos de comportamento da

sociedade exercem sobre eles. Formam-se grupos espontâneos de amizade (grupos mistos), mais restritos do que aqueles da Infância. É, também, época do desenvolvimento do sentido de pertença a uma religião. Simultaneamente, vão surgindo as características sociais da vivência religiosa. Nem sempre, no entanto, o desenvolvimento dessas características determina autêntico crescimento religioso. Até o final da infância, o sentimento religioso está ligado à identificação com os parentes. A sua Igreja é a família. A partir dos sete anos, este sentimento se completa com a dimensão objetiva da religião. Pelo fim da infância, acontece a primeira identificação da religião familiar com a religião institucional, e a criança se torna capaz de profundo sentimento de pertença à Igreja.

As dificuldades em relação à Igreja aparecem, no entanto, logo após a adolescência, quando a religiosidade é submetida a profunda revisão, reorganização e reconquista pessoal. O sentido de pertença é confrontado com as exigências de religiosidade consciente e livre. Surgem as dúvidas, as incertezas, as críticas às instituições religiosas, progressivo abandono da prática religiosa, ruptura da unidade das crenças e, até, o abandono da religião.

Dentre outras, eis algumas causas desses problemas: falta de ensino religioso adequado, conflito com os pais, marginalização dos valores religiosos, insegurança no meio social, confusão dos valores sócio-morais e a concorrência que os grupos fazem à Igreja. A formação religiosa da adolescência deve, pois, dar ênfase ao aspecto comunitário, ser bem fundamentada e bem motivada.

Há também fatores que auxiliam a religiosidade: os métodos que promovem a interioridade da religiosidade, a unificação dos motivos religiosos em torno de uma idéia-força e o confronto entre os motivos religiosos e profanos. Bem orientados, os jovens se vêem identificados com a Igreja, assim como se consideram ligados à sociedade. Nesse momento, a celebração da confirmação poderá dar contribuição decisiva para a inserção na realidade eclesial.

3.5. Crisma e primeira comunhão

A administração da crisma após a primeira comunhão não deixa de trazer dificuldades. Criam-se, por assim dizer, duas espécies de cristãos: crismados e não-crismados. Como entender a situação dos não-crismados, que passam a participar regularmente da eucaristia, sem terem percorrido todos os passos da iniciação? Qual a importância da confirmação? Onde fica a dimensão eclesiológica do sacramento? Tem, ou não, razão de ser a ordem teológica dos sacramentos da iniciação?

Os argumentos apresentados pela pastoral (o jovem assume com mais responsabilidade...) frequentemente não são comprovados na prática. Não basta

adiar a celebração. Faz-se necessária uma pastoral mais eclesiológica e menos sacramentalista. Os sacramentos não são ritos mágicos que agem sozinhos e independentemente das pessoas. Significam e atuam a salvação à medida que forem consciente e responsabilmente acolhidos e vivenciados como dons de Deus, no seio de comunidade chamada a ser povo de Deus. Não acontecem sem referência a Cristo e à Igreja. O individualismo sacramental não leva suficientemente em consideração a dimensão comunitária e eclesial da fé e da própria celebração.

Exatamente porque a crisma leva à plenitude a vida inaugurada pelo batismo, deveria anteceder à eucaristia. Os sacramentos da iniciação cristã correspondem aos três acontecimentos fundamentais da vida de Cristo (encarnação, batismo no Jordão, paixão, morte e ressurreição); por isso, sua celebração deveria respeitar não só a ordem cronológica desses acontecimentos salvíficos, tal como se realizaram na vida de Jesus, mas, acima de tudo, a ordem teológica dos mesmos.

A prática pastoral de se celebrar a eucaristia antes da confirmação, ao menos como norma geral, não leva em conta esta seqüência teológica e, não raras vezes, cai num reducionismo eucarístico: a eucaristia é apenas considerada em sua dimensão de ceia, deixando-se de lado as outras dimensões.

Não se trata somente de receber a primeira comunhão, mas de assimilar e vivenciar toda a realidade eucarística, cume da caminhada já iniciada no batismo. A eucaristia é o ponto alto da vida cristã; por isso, para celebrá-la, não basta receber a comunhão, mas também o testemunho da fé deve ser autêntico. A recepção da primeira comunhão constitui, pois, apenas uma dimensão do mistério eucarístico. A prática da eucaristia antes da confirmação mostra que estamos preocupados tão-somente em dar a comunhão, mas não em fazer os cristãos assumirem o sentido pleno da eucaristia. Celebramos mal a crisma, celebrando parcialmente a eucaristia.

4. A CATEQUESE SOBRE A CRISMA

Nos últimos tempos, a catequese sobre a crisma abordou temas novos: inserção na comunidade, seqüência do catecumenato, renovação do conteúdo teológico-pastoral, integração no tempo litúrgico, realce da dimensão eclesial e outros. Todos concordam que é necessário, além de uma síntese da doutrina cristã, apresentar uma proposta de vida cristã para os dias de hoje.

É imprescindível uma catequese mais pormenorizada sobre os diversos ritos sacramentais e sua repercussão na vida diária. Que o crismando possa fazer experiência concreta de Igreja, mediante o contato com a Palavra de Deus, os encontros de oração, as celebrações comunitárias, os testemunhos concretos de vida, a

educação para a responsabilidade familiar, social e eclesial.

Deve-se evitar o isolamento do crismando, pois isso seria forjar ambiente artificial, diferente do que eles encontrarão na vida diária. Sejam simultaneamente inseridos na realidade do mundo secularizado, onde viverão a condição de cristãos, assumindo as mais diferentes vocações e exercendo os diversos ministérios. Devem testemunhar que a Igreja é solidária com a pessoa humana e anunciar, pela vida, que "as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo" (Gaudium et Spes 1).

Em geral, a preparação dirige-se apenas aos crismandos. A comunidade não se sente envolvida no processo e, com frequência, sequer toma conhecimento dos candidatos à crisma. Conseqüentemente, não se sente co-responsável pela sua educação na fé e pela sua inserção na vida da Igreja.

Como viabilizar essa integração? Eis o grande desafio. Definitivamente isso não será possível se mantermos a prática de grandes grupos, celebrações pomposas e longas, onde o que conta são as aparências, o cerimonial. Tais celebrações são despersonalizantes, além de enfadonhas.

Também os catequistas responsáveis pelo catecumenato crismal devem formar equipe coesa, que trabalhe em conjunto, além de serem em primeiro lugar testemunhas vivas da fé. Embora exerçam função importante, não substituem, contudo, os pais, em sua missão de serem os primeiros educadores da fé dos filhos.

No tempo da preparação para a crisma é preciso insistir, ainda, na compreensão do sacramento como encontro com Deus; assim se evitará transformá-la em simples aprendizado. A preparação para o sacramento não se restringe a período de aulas, pois a vida sacramental engloba toda a vida do cristão.

Faz-se necessário apresentar aos crismandos modelos de vida cristã, a começar pelo mais essencial de todos: Cristo. O cristão é chamado a se transformar em Cristo. Não basta que seja pessoa de bem; existem também pessoas de bem que não são cristãs... O cristão tem algo de diferente, de especial: a identificação com Cristo morto e ressuscitado. Pela confirmação, o Espírito Santo fará o batizado compreender o alcance desta "conformidade" e suas conseqüências. Se o tempo de preparação é decisivo, não o é menos o período que segue à sua celebração. Muitos crismandos, por vezes, parecem não ter descoberto ainda o seu lugar na Igreja, e nem sempre vivenciam a graça para a qual são consagrados pelo dom do Espírito. As estruturas eclesiais

(paróquias, dioceses etc.), por sua vez, nem sempre estão preparadas para absorver esses novos ministérios.

Sem preparação adequada, "o pós-crisma" será como o "antes", isto é, insignificante. A maior dificuldade a ser vencida é a mentalidade legalista de boa parte dos cristãos, mais preocupados em cumprir ritos de tradição familiar do que em celebrar um sério compromisso de vida.

A fé deve dar algumas respostas aos jovens. Em primeiro lugar, apresentar-lhes visão adulta da vivência do cristianismo e, ao mesmo tempo, reconhecê-los em sua maturidade. Dado que os jovens são, por vezes, inseguros, a proposta da fé deve dar-lhes a certeza de que não estão sendo julgados, mas auxiliados na busca de respostas convincentes para os seus problemas individuais e comunitários.

A inserção na comunidade será gradual, mas constante, a fim de que possam ser evitadas frustrações e radicalismos. Ofereça-se-lhes diversidade de opções, trabalhos, tarefas e ministérios, como também a oportunidade de fazerem experiências, buscando descobrir o tipo de inserção que lhes é próprio.

Jamais deve faltar a compreensão dos adultos, principalmente nos momentos de insegurança e de queda. A própria comunidade tem o dever de lhes oferecer

testemunho vivo de comunhão e de participação, despertando nos jovens o interesse pelos grandes ideais da Igreja e do mundo, uma vez que eles tendem a fechar-se em si mesmos e em seus problemas. Aos jovens, que tudo desejam mudar e que, para isso, pensam ser justo e até necessário afastar certas pessoas do seu caminho, a comunidade deve mostrar que o primeiro passo a ser dado em vista de mudança efetiva nasce da conversão interior do coração.

Após a crisma, a responsabilidade de todos é ainda maior. Que os jovens continuem a vivência de

grupo, aprofundando a fé e se enriquecendo com as experiências de cada um, visando ao crescimento em termos de comunidade, em todos os seus aspectos. Sejam promotores, no transcorrer do ano, de momentos especiais de convivência, (encontros, jornadas, retiros, lazer etc.). Não podem faltar o apostolado propriamente dito e a vida de oração. A responsabilidade da comunidade não se encerra, pois, com a celebração da crisma. Mais do que antes, aqui tudo começa.

5. PROBLEMAS RELATIVOS AO MINISTRO

Torna-se pastoralmente difícil o bispo presidir pessoalmente todas as celebrações, principalmente quando as dioceses são extensas e o número de crismandos é grande. Pergunta-se, então: é oportuno conti-

*"No tempo da
preparação para a
crisma é preciso
insistir na
compreensão do
sacramento como
encontro com
Deus"*

nuar reunindo numa só igreja dezenas, até centenas, de crismandos, deslocando-os de suas comunidades de origem, quando se insiste tanto na importância da comunidade local como lugar de inserção imediata do cristão? Pode-se, verdadeiramente, chamar de frutuosa e ativa a participação em massa em cerimônias onde as condições de espaço e de tempo não são favoráveis?

Seria pessoalmente muito proveitoso, liturgicamente participativo e pastoralmente mais aconselhável dividir os crismandos em grupos menores, de acordo com suas comunidades. A preocupação maior não consistiria em garantir a presença do bispo em todas as celebrações, mas na participação mais viva e consciente de todos os fiéis, a começar pelos crismandos. Não haja massificação. Para evitá-la, o bispo poderia, perfeitamente, delegar outros presbíteros como colaboradores seus e, desse modo, manter o princípio da unidade em torno do ministério episcopal.

6. DOCUMENTO DA CNBB

Aprovado na XIV Assembléia Geral, em 1974, o documento *Pastoral dos Sacramentos da Iniciação Cristã*, 2a, pp. 22-27, faz algumas considerações sobre o sacramento da crisma. Comentando, por exemplo, que a confirmação, como todo sacramento, é celebração da vida humana, enquanto atingida pela graça de Cristo e, por isso mesmo, celebração da vocação do homem para viver em comunhão, o documento afirma:

“A confirmação completa a obra iniciada no batismo; levando quem a recebe à plenitude e à maturidade espiritual, por uma comunicação especial do Espírito Santo, que consagra o homem para o testemunho cristão” (p. 23).

E continua: “Pelo sacramento da confirmação, aqueles que renasceram no batismo recebem o dom inefável, o próprio Espírito Santo. São enriquecidos por ele com força especial (*Lumen Gentium* 11) e, marcados pelo caráter desse sacramento, ficam mais perfeitamente unidos à Igreja e mais estreitamente obrigados a difundir e defender a fé, por palavras e atos, como verdadeiras testemunhas de Cristo (*Apostolicam Actuositatem* 11). Finalmente, a confirmação está de tal modo ligada à sagrada eucaristia que os fiéis, já marcados com o sinal do batismo e da confirmação, são inseridos plenamente no Corpo de Cristo pela participação na eucaristia”²

Algumas observações:

1. É preciso realçar a força simbólica deste sacramento (imposição das mãos, unção e consignação).
2. A teologia da confirmação faz especial referência à ação do Espírito Santo, em vista da militância e do testemunho da alegria.
3. O Espírito Santo constitui, ele mesmo, o dom maior. Falta aprofundamento da teologia do Espírito Santo. Sem perder a globalidade, é preciso acentuar as diferentes dimensões de sua ação.

4. A presença do bispo como ministro ordinário demonstra o aspecto comunitário, eclesial, do sacramento. O cristão é chamado a participar das solitudes pastorais de toda a Igreja, na fidelidade ao Espírito. Por isso, ao celebrar a confirmação, a comunidade é chamada a acolher sempre de novo o Espírito Santo.
5. Deve-se valorizar a função dos padrinhos, que podem ser os mesmos do batismo. O padrinho seja idôneo, tenha maturidade suficiente para esta função e tenha recebido os sacramentos da iniciação cristã.

7. PROPOSTAS PASTORAIS

Assunto tão complexo não pode ser resumido em algumas propostas. Nem mesmo temos a pretensão de resolver os problemas relativos à confirmação. Seguem algumas reflexões que, reunidas a tantas outras apresentadas no transcorrer destas páginas, poderão contribuir, de alguma forma, para melhor compreensão e para celebração mais realista e proveitosa do sacramento da confirmação, despertando nos adolescentes maior responsabilidade eclesial e vivência cristã mais consciente.

Uma catequese adequada sobre o sacramento da confirmação exige a seqüência teológica dos sacramentos da iniciação cristã. Não se trata apenas de realizar novas experiências, mas de redescobrir a ligação desses sacramentos. Há aspectos comuns, principalmente entre batismo e confirmação.

É preciso que o adolescente não tenha idéia abstrata da ação divina. Ponha-se em evidência a lei da liberdade que deve reger a vida do crente adulto. Que compreenda e viva o cristianismo não tanto como uma doutrina, mas, acima de tudo, como experiência de vida guiada pelo Espírito Santo, princípio de amor e unidade, aquele que perdoa os pecados e cria coração novo (cf Jo 20,22-23). Maria é o protótipo do discípulo que escuta e acolhe a Palavra e a põe em prática, movido pelo Espírito.

A catequese deverá ajudar os crismandos a perceber o que o Espírito faz nascer na Igreja: os diversos carismas, vocações e ministérios (1Cor 12 e 14), e que eles são chamados a participar destes dons, colocando-os em prática. O Espírito é o mestre interior que educa para a oração, individual e comunitariamente (Rm 8,26-27).

“Ajudar os crismandos a perceber o que o Espírito faz nascer na Igreja: os diversos carismas, vocações e ministérios”

Dado que a plenitude da iniciação não é a crisma e sim a eucaristia, é necessário que tanto o conteúdo doutrinário como as experiências propostas, a ela se refiram. Um dos critérios para se admitir o candidato à crisma deverá ser a consciência que ele tem do significado especial da eucaristia e a participação efetiva e frutuosa na sua celebração.

O próprio óleo do crisma deverá merecer maior atenção. Inclusive, um encontro de oração poderá ser dedicado para melhor compreensão do seu simbolismo.

A confirmação é o sacramento da inserção mais plena na Igreja; faz o cristão participar mais intensamente na vida da comunidade, com maior consciência e responsabilidade. A comunidade deve, pois, participar desse processo.

Aproveitando a antiga prática dos "escrutínios", pode-se dedicar um dia de retiro com os crismandos, pais, padrinhos e catequistas, para avaliar a caminhada dos candidatos, principalmente no que diz respeito à vivência espiritual, promovendo meditações sobre a natureza e a missão da Igreja.

Evitar celebração em massa, onde a participação frutuosa fica prejudicada. Convém enfatizar o ministério dos catequistas, fazendo-os participar ativamente da própria celebração. Evite-se, também, que a celebração se transforme em simples festa de família; que haja expressão de solidariedade com a comunidade, principalmente com as pessoas que não puderam estar presentes.

Ainda não existe pastoral específica da confirmação; as propostas apresentadas são tentativas para aprofundar a questão. Sequer basta adaptar para os adolescentes o rito da iniciação dos adultos, embora se possam dele aproveitar as linhas fundamentais.

A pastoral não se orienta por princípios rígidos e imutáveis. Há sempre necessidade de serem repensados os métodos, até seus conteúdos teológicos. Nenhum progresso nesse setor é definitivo. O acerto e o desacerto são partes de todas as experiências. Importante é ser criativo, ter os olhos abertos e o coração pronto para compreender a mentalidade de hoje e estar atento aos sinais dos tempos. A pastoral é essencialmente caminhada; está sempre em revisão.

CONCLUSÃO

Neste segundo ano de preparação para o Terceiro Milênio, entre os temas propostos para aprofundamento e renovação está o sacramento da crisma. Com o objetivo de incentivar a busca de novas soluções pastorais, apresentei elementos de reflexão teológica sobre este sacramento, na certeza de que poderão contribuir

para sua celebração mais frutuosa, com repercussão positiva na vivência diária do compromisso cristão.

Em sua "Exortação Apostólica" sobre a vocação e a missão dos leigos na Igreja e no Mundo, *Christifideles Laici*, de 1988, João Paulo II situa a vocação cristã a partir do batismo e da crisma conjuntamente: "Com o santo batismo e a crisma tomamo-nos filhos de Deus no seu Unigênito Filho, Jesus Cristo. É o Espírito Santo que constitui os batizados em filhos de Deus" (nº 11).

O testemunho cristão, no entanto, se concretiza praticamente no mundo secular: O mundo toma-se assim o ambiente e o meio da vocação cristã dos fiéis leigos... que concorrem para a santificação do mundo a partir de dentro, como fermento... O estar e o agir no mundo são para eles uma realidade não só antropológica e sociológica, mas também especificamente teológica e eclesial... pois procuram o Reino de Deus, tratando das realidades temporais e as ordenam segundo Deus" (nº 15).

A confirmação como sacramento do testemunho cristão se situa particularmente nesta perspectiva secular e, juntamente com o batismo fundamenta a espiritualidade cristã em seu empenho pela transformação das estruturas secularizadas do mundo em que vivemos.

Na verdade não é o sacramento da confirmação que está em crise. Em cheque se encontra um cristianismo acomodado, sem compromisso com o seguimento de Jesus e com a realidade em que vive. Um cristianismo apático, fechado em sua auto-suficiência, incapaz de ser fermento, sal e luz.

* O Autor é Doutor em Teologia Litúrgica e Professor de Liturgia e Sacramentos no ITESC

NOTAS

¹ L.BRANDOLINI, *Adulti che chiedono la cresima: che fare?* in RPL 3 [1982], pp. 54-59

² Citação de PAULO VI em sua Constituição Apostólica *Divinae Consortium Naturae*

Endereço do Autor:

Endereço do Autor:
ITESC - cx postal 5041
88040-970 FLORIANÓPOLIS, SC